

**Javier Arias Artacho**

# **DEUS EXISTE!**

**RAZÕES À PROVA DE FOGO  
PARA JOVENS CÉTICOS**



PAULUS

# NECESSIDADE DE PORQUÊS

Vivemos numa urgência de esperança à qual não podemos fechar os olhos. Lá fora, uma imensa multidão de homens e mulheres de boa vontade não aceitam nem compreendem a mensagem da Igreja. O seu discurso – sempre bem-intencionado e, na maioria das vezes, preciso – soa-lhes como uma linguagem arcaica e, o que é pior, causa rejeição social por parte de grande parte da população.

Assemelha-se àquele santo homem que se apresenta numa festa da alta sociedade vestido com uma simples túnica de linho, de sandálias e com barbas e cabelos em desacordo com a higiene e a estética. Ele é um homem de oração e vida ascética que a única coisa que conseguirá é ser observado com ceticismo. Ele não se importa, é verdade, mas o que aconteceria se ele tivesse de comunicar uma mensagem muito importante para superar a superficialidade que transborda dos que o veem? Se fosse um missionário numa terra distante, não aprenderia a língua dos nativos?

O mundo mudou. Isto é óbvio e ninguém contesta, mas pode ser visto de várias maneiras. Engana-se quem teimosamente acredita que odres velhos servem para beber vinho novo. Tochas e lamparinas a óleo têm uma estética que seduz muitos de nós, mas para iluminar um campo de futebol, acho que watt e holofotes são muito melhores.

Claro, a mudança não é nenhuma novidade. É algo que sempre aconteceu. A amnésia histórica faz-nos olhar

para trás, mas como se obtivéssemos um filtro que transforma o passado num filme a preto e branco. Quando se é jovem, parece que o que já passou nunca existiu e, quando se cresce, tendes a pensar que *qualquer momento do passado foi melhor*. A verdade é que, quer o ignoremos quer o idolatremos, o passado é uma engrenagem que nunca parou. Permitam-me, então, esta simples imagem para ilustrar a passagem do tempo: as primeiras comunidades cristãs reuniam-se para partir o pão em casas particulares e, em algumas ocasiões, até em lugares remotos como as catacumbas romanas; na alta Idade Média, em modestos templos rurais e, por volta do século XIV, em catedrais enormes que se enchiam de gente, sem bancos, e até onde se colocavam mercadorias se fosse preciso.

Aquele primeiro anúncio apostólico chegou até nós em vasos de barro, mas depois de terem sido quebrados um após o outro! A mudança e o movimento social sempre tiveram a sua influência ao longo desses dois mil anos – nem sempre positiva – e é por isso que, entre outras coisas, a sua língua, ao longo dos séculos, mudou: do aramaico e do grego, passando pelo latim, até chegar a várias línguas latinas, entre outras.

Não é meu objetivo assumir a excessiva tarefa de contar as mudanças que a Igreja sofreu ao longo dos séculos, mas foram muitas e muito importantes. Dois milénios não são para menos. Essas mudanças eram sempre lentas, como os pesados passos de paquidermes a avançar majestosamente. No entanto, o progresso tecnológico sem precedentes ocorrido desde o século XX contribuiu para mudanças tão rápidas e vertiginosas na nossa sociedade que, às vezes, não somos capazes de as perceber. Mais do que uma época de mudança, vivemos uma mudança de época, onde o poder da ciência é absoluto e a *Internet* e o digital transformaram tudo.

Durante mais de vinte anos a ensinar aos jovens, percebi que eles apreciam e valorizam a proximidade e a boa vontade da Igreja. Mas eles não entendem isso! As respostas teológicas, morais e tradicionais estão tão distantes quanto inúteis. Os andaimes da história da Igreja como concílios, papados e dogmas são indiferentes para eles. E não é que tudo isso já não seja importante. A nossa história é importante. Somos o resultado de um futuro que nos dá identidade. Porém, se se trata de uma nova evangelização, de ir à periferia e de a abrir à Transcendência, é importante levar novas luzes.

E não me refiro àqueles jovens que cresceram no seio de uma família cristã, que foram acompanhados num ambiente paroquial – embora alguns deles também –, mas àquela grande massa de céticos de boa vontade que anseia por descobrir a verdade, mas ao mesmo tempo a rejeita. São gerações de jovens – e não tão jovens – que só são capazes de acreditar no que compreendem, no que raciocinam, no que entendem. Eles sabem há muitos anos somos o resultado da evolução, que a estratosfera está acima do céu e que quando eles morrem põem as cinzas dos nossos entes queridos numa urna. Fim da história.

É evidente que conhecer e saber não é o mesmo que experimentar. Muitos chegam à fé encorajados por essas experiências profundas que transformam as suas vidas. Porém, a maioria vive do outro lado da fronteira, sem a menor esperança de entender o que sentem aqueles *iluminados* que creem num ser improvável. Para muitos, trata-se da ingenuidade dos menos inteligentes, daqueles que precisam crer em algo e fazem para si um deus, assim como, há mais de três mil anos, os hebreus fizeram para si um bezerro de ouro durante a fuga do Egito.

Para eles escrevo este texto. Para eles e para qualquer pessoa de boa vontade que observe o céu da vida, na espera de ver uma estrela cadente que lhe mande um sinal. A verdade deslumbra quando abres os olhos e, se quiseres certezas absolutas, para de ler imediatamente. Nem mesmo a ciência, cheia de milhares de teorias, as pode dar. Não há certezas absolutas, a não ser a de que um dia morreremos. Mas se quiseres que eu te guie até esse misterioso limiar pela mão da razão, eu encorajo-te a seres paciente e a continuar a leitura.

Por mais que pares para pensar, descobrirás que existe algo além do que vemos, embora cada um dê um nome diferente. Neste sentido, parto da minha formação cristã. É a minha forma de ver o mundo, é a minha forma de conhecer a Deus... Mas também há outros caminhos, pode haver também outras respostas religiosas e, talvez, também não religiosas. Em todo caso, se estás num desses caminhos, peço que dê uma oportunidade. Estou apenas a desafiar-te para que penses e construas a tua maneira de ver Deus, ou como o quiseres chamar, acho que Ele não se importa com isso.

# ÍNDICE

Necessidade de porquês . . . . . 9

## O FOCO DA HISTÓRIA

Jesus, o nosso <i>influencer</i> . . . . .	15
Detetives do passado . . . . .	19
Toda a verdade, nada mais que a verdade. . . . .	27
Os Apóstolos, um bando de loucos . . . . .	33
O que viram para que acredite neles? . . . . .	39
Os homens que se tornaram lendários. . . . .	47
Pedro, o líder . . . . .	55
André, o irmão do líder . . . . .	59
Tiago, o filho de Zebedeu . . . . .	61
João, o irmão de Tiago . . . . .	65
Filipe, um galileu com ar grego . . . . .	69
Bartolomeu (Natanael). . . . .	71
Tomé, o peregrino incansável . . . . .	75
Tiago, filho de Alfeu. . . . .	79
Mateus, o publicano (o cobrador de impostos) . . . . .	83
Judas Tadeu . . . . .	87
Simão, o cananeu. . . . .	89
Judas Iscariote, o traidor . . . . .	91
Matias, o 13.º Apóstolo . . . . .	93

## OS ECOS DA RAZÃO

Terra à vista . . . . .	97
As luzes fluorescentes da filosofia de São Tomás . . . . .	99
À luz da ciência . . . . .	107
A ciência da imaginação . . . . .	113
O grande desconhecido: o cérebro . . . . .	119
Clarões de outra vida . . . . .	127
Atravessar o véu . . . . .	133